

# MEDIAÇÕES QUE CONSTITUEM A ATIVIDADE DOCENTE DE UMA PROFESSORA DA REDE PÚBLICA DE MACEIÓ-AL.

Wanessa Lopes de Melo <sup>1</sup>

## RESUMO

As categorias da Psicologia Sócio Histórica e da Clínica da Atividade foram trazidas, nessa pesquisa, para analisar o trabalho docente e possibilitaram perceber a singularidade nos modos de fazer, nas maneiras de agir da professora em sala de aula. O fato da Clínica da Atividade e da Psicologia Sócio Histórica estarem pautadas no materialismo histórico dialético possibilitaram realizar uma análise da subjetividade do sujeito constituída no processo sócio histórico. Nossa intenção ao realizar essa pesquisa foi compreender como a professora não apenas utiliza, mas significa os meios e instrumentos à sua disposição, a partir do gênero e da prescrição que lhe é dada. A professora, diante das condições objetivas significa, transforma os artefatos dos quais se apropria, desenvolvendo necessariamente um estilo de agir no trabalho. Estilo esse que se constitui no seio do coletivo de trabalho, que se desenvolve no curso do agir, na realização da atividade. Sendo que a constituição do estilo do sujeito só pode ser compreendida numa relação de mediação social e histórica. Os instrumentos utilizados na produção de dados deste trabalho foram inspirados no dispositivo metodológico desenvolvido pela Clínica da Atividade – a autoconfrontação. Também fizemos uso da história de vida, pois é essencial compreender a história pessoal, a formação, os projetos de vida e o modo como a professora se relaciona com o mundo e com as pessoas em geral, pois afetam e constituem a sua atividade. As autoconfrontações possibilitaram compreender as mediações que constituem o seu estilo como professora de escola pública e de periferia.

**Palavras-chave:** Atividade docente, Subjetividade, Autoconfrontação.

## INTRODUÇÃO

Nessa pesquisa escolhemos estudar como as condições concretas de realização da atividade mediam a atividade realizada pela professora, tendo as categorias da Psicologia Sócio Histórica e a Clínica da Atividade como arcabouços teóricos e metodológicos.

Clot (2007; 2010a), compreende que a atividade é determinada pelas prescrições, as normas. Entretanto, nem sempre as prescrições dão conta do imprevisível que acontece no momento da realização da atividade. O inesperado convoca a professora a tomar decisões que não estão presentes na prescrição da

---

<sup>1</sup>Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – SP, [wanessapeda@yahoo.com.br](mailto:wanessapeda@yahoo.com.br).

atividade, e muitas vezes a sua história pessoal e os valores que a constituem são diferentes e até contrários, aos valores expressos ou exigidos pela prescrição, pelo *métier*<sup>2</sup>. Para Clot, a atividade vai além do que foi realizado; “a atividade subtraída, ocultada ou recuada nem por isso está ausente, mas influi, com todo o seu peso, na atividade presente” (CLOT, 2010a, p. 104). Dessa forma, não podemos excluir as atividades suspensas, contrariadas ou impedidas da análise da atividade. A atividade realizada pela professora é apenas uma possibilidade diante de tantas outras possíveis.

Nesse sentido, entendemos que a atividade de trabalho nunca é o que está prescrito, pois no momento da realização acontece a ressignificação do prescrito. Explicando com outras palavras, há um movimento contínuo e ininterrupto de refazer da ação do trabalhador diante das normas prescritas e reguladoras para atividade, pois como a prescrição antecede a atividade não tem como ela prever os imprevistos. Dessa forma, é necessário que o trabalhador utilize o seu poder de agir para ressignificar a atividade prescrita. A atividade é sempre e necessariamente um encontro entre o prescrito e o real, e nesse encontro acontece a ressignificação do prescrito diante do que é possível realizar.

A ressignificação da atividade é realizada por um sujeito que é único e singular, que é social e histórico. O sujeito ressignifica a atividade a partir de sua subjetividade histórica, que tem como elementos constitutivos a memória do coletivo profissional, e a história da profissão, dentre outros elementos. Assim, a professora ao realizar sua atividade se depara com as condições de realização da atividade, marcadas por traços culturais e sociais.

Essa definição de atividade nos desafia a conhecer a atividade docente no lugar e no momento em que acontece, para, assim, apontar seus aspectos singulares no âmbito das profissões e reconhecer aspectos comuns ao ofício docente. Essa prescrição comum a um coletivo de trabalhadores é chamada por Clot (2007; 2010a) de *gênero profissional*. Os gêneros seriam uma espécie de norma social, da qual fazem parte aqueles que participam de um mesmo campo de atividade humana. Ou seja, são modos adequados de agir, reagir, dizer, obrigações, prescrições que os trabalhadores dão a si mesmo.

Inscrito no gênero, há o *estilo pessoal*, que garante uma singularização da atividade, uma variabilidade e flexibilidade. Mas isto só é possível quando há o domínio

---

<sup>2</sup>Por se tratar de um termo já conhecido na língua portuguesa e presente em dicionário da língua, manteremos, neste texto, o termo *métier* em sua forma original, sem traduzi-lo.

do gênero por parte do trabalhador. “Os gêneros conservam-se vivos graças às recriações estilísticas. Mas, inversamente, o não domínio do gênero e de suas ações variantes impede a elaboração do estilo” (SOUZA E SILVA, 2004, p. 98).

A noção de gênero profissional contribui para considerarmos o papel ativo do sujeito na construção e, renovação de práticas, de ações estabilizadas; prevê um dinamismo, admitindo que não há apenas adesão, incorporação de modos de fazer, de agir, mas que há criação, renovação.

[...] Só há gênero se há modos possíveis de dizer ou fazer de forma diferente, de fazer outras escolhas, podendo... o gênero de atividade... ocupar um espaço que se limita, de um lado, pela norma social... e, de outro, pela capacidade de significar (portanto, de agir) efetuando uma transformação – transgressão voluntária e consciente da norma ou do gênero dominante [...] (FAÏTA, 2004, p. 69).

De acordo com Clot (2007; 2010a), para manter o gênero vivo, é preciso cultivar a história coletiva da profissão. Ele considera que o abandono do coletivo de trabalho, a diminuição do poder de agir e a reprodução na realização da atividade, tem como efeito o aumento da incidência de acidentes e patologias relacionadas ao trabalho.

Pensando na atividade docente, indagamos se existe uma história coletiva sendo cultivada. As pesquisas voltadas para a análise da profissão docente<sup>3</sup> mostram as condições precárias que as professoras estão submetidas, e a ineficácia ou até mesmo a inexistência do trabalho coletivo nas escolas, revelam ainda que as professoras são responsabilizadas individualmente pelos “fracassos” ou “sucessos” dos alunos, principalmente nas avaliações realizadas pelos estados e municípios. Dessa forma, não enfrentar os problemas coletivamente é algo recorrente na profissão docente, é uma prática que se estabiliza como gênero profissional, contribuindo para enfraquecer o gênero da profissão.

Compreendemos neste artigo que a atividade docente se realiza em um espaço/tempo específico, em um contexto, uma história. No caso estudado por esta pesquisa, envolvendo uma sala de aula de uma escola pública de Maceió/AL. O lugar que concentra a maior parte do exercício da atividade docente é a sala de aula. É nesse espaço que se realizam os processos de aprendizagem e de ensino como uma prática social.

---

3 OLIVEIRA, 2004; PIZZI; ARAÚJO; MELO, 2012; ARAÚJO, 2015.

O que a professora realiza em sala de aula é uma mistura de vontades possíveis, de gostos, de experiências, que se consolidam em gestos, rotinas, modos de fazer e de dizer estabilizados em nossas escolas pelo coletivo de professoras. O que nos interessa não é o coletivo como grupo, mas o coletivo enquanto recurso para o desenvolvimento da subjetividade; é o coletivo presente no sujeito. É com base em Vigotski que Clot et al (2006, p. 102) “apresenta a ideia de que o social não é simplesmente uma coleção de indivíduos, não é simplesmente o encontro de pessoas; o social está em nós, no corpo, no pensamento”. É na mediação com o social que a subjetividade se desenvolve.

A atividade docente é construída a partir de um conjunto de histórias que se interpenetram: a história da educação e da profissão; a história das conquistas dos docentes no Estado; a história da escola e do saber que nela circula; e a história das professoras que “agem, pensam, sentem, vivem, e isso no interior e no exterior do trabalho, na totalidade dos seus espaços, dos seus tempos e das suas relações sociais” (ARROYO, 2008, p. 199).

Os professores são sujeitos culturais, históricos e, nesta condição, trabalhadores, vinculados a contextos e condições sociais e econômicas específicas, desenvolvendo, dessa forma, modos de ser professor diferenciados, tendo um modo próprio de organizar as aulas, de se movimentar na sala, de dirigir-se aos alunos, de utilizar os meios pedagógicos. Deste modo, o nosso interesse está no trabalhador como sujeito da atividade, pois é ele que significa a atividade, faz escolhas na micro organização cotidiana da sua atividade. Diante disto, algumas indagações emergem quando pensamos a constituição da atividade docente, problemática central desta pesquisa: quais mediações constituem a atividade de uma professora que atua numa escola pública de periferia em Maceió/AL, considerando as condições concretas de realização da atividade?

Para pensar essas questões, inspirados na Clínica da Atividade, realizamos um trabalho de análise da atividade via autoconfrontação junto a uma professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental da rede pública municipal de Maceió/AL. Nosso objetivo é apreender como as condições de trabalho, os recursos pedagógicos constituem a atividade da professora de uma escola pública de periferia em Maceió/AL.

Os instrumentos utilizados na produção de dados deste trabalho são inspirados no dispositivo metodológico desenvolvido pela Clínica da Atividade – autoconfrontação. Também fizemos uso da história de vida, pois a própria proposta de Clot et al (2006) considera que é essencial compreender a história pessoal, a formação,

os projetos de vida e o modo como a professora se relaciona com o mundo e com as pessoas em geral, pois afetam e constituem o real da atividade.

Para Clot (2007), o real da atividade tende a ser mais complexo e ir muito além daquilo que foi realizado de fato. O que não se fez, o que não se pode fazer, o que se tentou fazer sem conseguir, o que não deveria ter sido feito, mas que foi necessário fazer para efetivar a tarefa<sup>4</sup>, o que se teria querido ou podido fazer, o que se pensou, desejou ou o que se sonhou poder fazer, o que se fez para não fazer aquilo que seria preciso fazer, ou o que foi feito sem o querer ou sem necessidade, também fazem parte da atividade, pois interferem no que foi realmente realizado.

## A PESQUISA

Convidamos uma professora das séries iniciais do Ensino Fundamental, pertencente à rede pública municipal de Maceió, para participar dessa pesquisa. Ao decidir participar dessa pesquisa ela concordou em ser filmada durante a realização da sua atividade e também discutir sua atividade nas sessões de autoconfrontação – momento da pesquisa que a professora assiste e comenta os episódios, onde ela aparece como protagonista.

De forma resumida, o episódio é um filme com sequências de imagens relacionadas com um tema a ser discutido; são cenas escolhidas pelo pesquisador para serem assistidas pelo sujeito da pesquisa na sessão de autoconfrontação simples. Com intuito de constituir alguns episódios para as sessões de autoconfrontação, assistimos as 14 aulas videogravadas realizadas na sala de aula da professora; as imagens foram produzidas com ela exercendo sua atividade de trabalho. Escolhemos duas aulas para serem analisadas: uma aula de geografia e uma aula de português. No total foram montados quatro episódios que foram analisados pela professora pesquisada.

O período de permanência na escola realizando as observações e as videograções possibilitou conhecer melhor as condições concretas para realização da atividade que a professora estava inserida, além de compreender a rotina dessa instituição e os rituais realizados pela professora.

---

<sup>4</sup> A tarefa ou tarefa prescrita são as prescrições determinadas para atividade de trabalho, é o que dever ser feito.

## MEDIAÇÕES QUE CONSTITUEM A ATIVIDADE DOCENTE

Discutiremos as dificuldades, impedimentos e possibilidades vividos/sentidos pela professora na atividade docente, particularmente sobre o modo como a atividade docente é mediada pelos recursos disponíveis. Acreditamos que as condições concretas, objetivas de trabalho são mediações que determinam a atividade realizada.

Na autoconfrontação simples a professora ao analisar sua atividade vai se dando conta de outras maneiras possíveis de realiza-las e dos impedimentos que a falta de condições objetivas impõe a sua atividade.

Mas nessa época a gente não tinha nada de material na escola pra fazer. (Autoconfrontação Simples – Professora Lara, 2016)

[...] a gente tava na reclamação muito grande com relação a material. Então a gente não conseguia ter muito o que fazer por não ter um material, não ter instrumento mais dinâmico com os meninos. Então a gente se detinha muito aos livros. (Autoconfrontação Simples – Professora Lara, 2016)

A falta de recurso didático, objetivado na fala da professora, como material escolar, é um dilema vivido não apenas pela professora Lara, e pela escola *locus* desta pesquisa. Outras pesquisas<sup>5</sup> realizadas em escolas na rede municipal de Maceió/AL mostram essa dura realidade vivida pelas professoras que atuam nessa rede. As professoras lidam com essa realidade diariamente, são dilemas que aparecem inscritos e se evidenciam no cotidiano da atividade docente.

As escolas públicas no Brasil e particularmente na rede pública municipal de Maceió/AL não possuem grandes investimentos. O sucateamento dos prédios e do ensino é notório aparece em diversas pesquisas realizadas no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas. Os recursos didáticos disponíveis na maior parte das escolas é unicamente o livro didático, giz/pincel e quadro.

A escola tava suja, os banheiros tavam horríveis, a merenda não tava uma merenda de tanta qualidade... tinha merenda, mas não era tão boa assim. (Autoconfrontação Simples – Professora Lara, 2016)

---

5 ARAÚJO, 2015; VIEIRA, 2011; ROSÁRIO, 2012; MELO, 2012.

A escola tava com falta de funcionário de limpeza, eu lembro, na época a escola tava suja... E tava passando por muitas dificuldades. (Autoconfrontação Simples – Professora Lara, 2016)

[...] a escola tava passando por problemas muito sérios de verba mesmo, né? Que tava vindo pouco. (Autoconfrontação Simples – Professora Lara, 2016)

A proposta pedagógica das secretarias de educação, através dos cursos de formação continuada, muitas vezes relaciona a qualidade do ensino, e o baixo desempenho nas avaliações como sendo um problema que a professora resolve com métodos e técnicas “inovadoras”, devendo apenas ser “bem” aplicadas pelas professoras, sem que se leve em conta necessariamente, as condições da escola, e os recursos disponíveis para realização da atividade docente.

Estudar a atividade docente sem levar em conta as condições concretas postas para a profissão docente é partilhar da ideia que a mídia e as políticas difundem na sociedade, de que “basta” um bom professor para manter a qualidade do ensino no nosso país. É responsabilizar unicamente a professora pelos resultados da educação.

Diante disso, a professora é convocada, nas formações continuadas, a assumir no seu trabalho o pragmatismo e o utilitarismo como características (VIEIRA, 2010). Nas últimas décadas, as políticas oficiais estabelecidas para as docentes têm um caráter altamente prescritivo, e as avaliações que estão articuladas a essas políticas vêm desempenhando um mecanismo de controle sobre a atividade docente. Segundo Vieira (2010), “trata-se de um controle interpelador que atinge o professorando, ferindo sua autonomia e sua capacidade de concepção, afetando também sua integridade física e emocional, com efeitos, inclusive, sobre a identidade do professorado” (p. 2).

Ressaltamos, mais uma vez, que a professoras das escolas públicas de Ensino Fundamental dos anos iniciais do Brasil vêm sofrendo muitas críticas desfavoráveis quanto ao seu desempenho profissional, especialmente desde a última década do século XX. As significações atribuídas às professoras pelo poder público é de passividade, negligência e incompetência técnica. Essas significações são reforçadas pela mídia, e que não levam em consideração as condições precárias de trabalho, que estão postas na maioria das escolas públicas. Associado a isso, estão os baixos salários, que força a professora a enfrentar uma dupla ou tripla jornada de trabalho (LELIS, 2009).

A utilização de recursos didáticos se torna indispensável, quando uma professora quer tornar sua aula mais dinâmica e atrativa. Além disso, os recursos didáticos

facilitam o aprendizado, pois eles funcionam como uma ponte entre o conteúdo a ser aprendido e o aluno.

Na autoconfrontação simples, a pesquisadora pediu para que a professora Lara pensasse em como poderia realizar essa aula, ela aponta que seria necessário ter mais recursos didáticos a sua disposição e que a falta desse recurso faz com que ela use o livro didático constantemente, mesmo sem todas as crianças possuírem o livro didático.

Podia ter recurso multimídia? Podia. Podia ter algo mais dinâmico? Podia. Mas a gente não tinha nada na escola. Não tinha material nenhum e para agendar uma televisão, alguma coisa, a gente agendava hoje para só conseguir na outra semana, porque eram muitos professores, então eu me retia muito ao livro e esse livro eu realmente gostava muito. (Autoconfrontação Simples – Professora Lara, 2016)

Eu não tinha recursos multimídia, mas eu tinha um livro muito bom para se trabalhar. (Autoconfrontação Simples – Professora Lara, 2016)

Eu teria que ter algum recurso multimídia. Eu gosto muito de colorido, então gosto muito de utilizar o livro. (Autoconfrontação Simples – Professora Lara, 2016)

O livro didático é o instrumento pedagógico mais comum nas escolas brasileiras e o uso dele pelas professoras é recorrente. Não é à toa que a imagem da professora normalmente é apresentada com um livro nas mãos, dando a entender que o ensino, o livro e o conhecimento são elementos inseparáveis na realização da atividade docente. A relação que a professora tem com o livro didático pode ser vista como a “afirmação da sua distinção profissional.

Os recursos didáticos na escola, que a professora Lara desenvolve sua atividade está acometida de uma precariedade tamanha que afeta até a falta de livro didático. A quantidade de livros foi insuficiente para o número de alunos matriculados. Essa realidade é determinante para a organização pedagógica e a realização das aulas da professora Lara. Por exemplo, as atividades são realizadas em dupla pelos alunos, devido a falta de livro didático para todos os alunos.

Nesse ano eu tive muito problema. Não tinha livro didático pra todo mundo. (Autoconfrontação Simples – Professora Lara, 2016)

Mas nessa turma, especificamente, tinha muito aluno que faltava livro, então eu não fazia prova. Eu podia fazer uma atividade avaliativa, mas com a minha ajuda e muito trabalho. (Autoconfrontação Simples – Professora Lara, 2016)



Aí pronto, nessa aula, como nem todo mundo tem (o livro didático), aí junta. Eu sempre faço dupla, ficam juntos um com o outro e às vezes até os dois têm, mas se juntam, mas tudo bem. Então eles acabam se juntando pra ver o livro e fazer as atividades do livro. (Autoconfrontação Simples – Professora Lara, 2016)

A falta de recurso didático, a precariedade das escolas e das condições reais para realização da atividade docente, não são levadas em consideração na avaliação do trabalho docente. Avaliação que está frequentemente vinculada a políticas de gratificação salarial, visando fornecer bônus às “melhores” professoras e, assim, estimulando a competição dentro da categoria. Isso contribui para que o ofício docente seja individualizado na figura de cada professora, não havendo menções ou estímulos ao trabalho coletivo que deveria ocorrer no interior da escola, tampouco as entidades como os sindicatos e os movimentos sociais, estes usualmente negligenciados ou reprimidos.

A precariedade das escolas públicas, e as péssimas condições de trabalho da professora Lara são determinantes para a realização e a organização do trabalho pedagógico em sala de aula. A falta de recursos didáticos, de material escolar faz com que a professora centralize sua atuação no livro didático, sendo a ferramenta central para o desenvolvimento do trabalho em sala de aula. O uso do livro didático na realização da aula está de acordo com o que é esperado para atividade docente, está inscrito na história da profissão, no gênero profissional, é esperado pelo coletivo de trabalho, ainda mais quando é o principal recurso disponível.

Porque o livro a gente tem que usar, né? (Autoconfrontação Simples – Professora Lara, 2016)

E eu gosto de usar o livro... Eu acho importante fazer essa leitura do livro, fazer as atividades... Eu gosto. Aí eu sempre uso, não deixo o livro didático de lado não. Eu sempre uso. Gosto bastante... (Autoconfrontação Simples – Professora Lara, 2016)

Então, é necessário usar o livro didático, até porque o livro didático é bem dinâmico e os textos são bons, eu gosto do livro didático do quarto ano.. (Autoconfrontação Simples – Professora Lara, 2016)

A realidade da maioria das escolas mostra que o livro didático tem sido praticamente o único instrumento de apoio do professor e que se constitui numa importante fonte de estudo e pesquisa para os estudantes.

Consideramos nessa pesquisa que o livro didático é determinante na seleção dos conteúdos a serem abordados e no desenvolvimento das atividades em sala de aula. O

livro didático é o principal material de trabalho da professora Lara, é o recurso mais utilizado na construção da sua prática até porque lhe falta outros, a produção de impressos (atividade xerocada) não é realizada constantemente pela falta de papel e toner para impressora.

Aí uma atividade extra, uma atividade xerocada, a gente xerocava só uma atividade por semana, ou seja, eu tinha que escolher que disciplina eu ia xerocar uma atividade. (Autoconfrontação Simples – Professora Lara, 2016)

Não me preocupava muito com a aula de Geografia, porque eu gostava muito do livro. [...] a minha aula de Geografia era basicamente usar o livro didático, porque ele tinha tudo aquilo que eu queria passar. (Autoconfrontação Simples – Professora Lara, 2016)

Era muito bom esse livro. E assim, o assunto que tinha nele, que eu passava, pra mim já tava completo. O assunto que era dado, que tinha no livro era suficiente. Ele era muito, muito... ele era tudo que eu queria como professora passar para os meus alunos. (Autoconfrontação Simples – Professora Lara, 2016)

Embora o livro didático seja a base da seleção de conteúdos e métodos em sala de aula e nos planejamentos, a professora ao realizar a sua atividade ressignifica e faz escolhas diante do real, há dessa forma, uma diferença entre o currículo prescrito<sup>6</sup>, que está nos documentos oficiais da educação e nos livros didáticos, e o currículo real, que são as modificações feitas pela professora na sala de aula.

Segundo Sacristán (2003) é verdade que os livros didáticos prescrevem uma forma de ensino, também é verdade que é a forma de ensinar que dá valor aos livros. Para ele, o livro didático pode ser decisivo para a qualidade do aprendizado, mas afirma também que é a professora, junto com os alunos, quem vai estabelecer as formas de leitura e uso do livro didático e que somente o livro não dá conta do conteúdo, o que faz de um livro ser bom ou ruim é a mediação que a professora estabelece com ele.

Ele tinha tudo que eu queria num livro, então assim, a aula, ela era uma aula do livro didático, mas era um livro que proporcionava atenção e os meninos gostavam de ver porque tem muita figura, é um livro muito colorido, mapa do Brasil colorido e falava de... todos os assuntos que tinha, tinha muito colorido e isso chama a atenção. (Autoconfrontação Simples – Professora Lara, 2016)

Podia ser que tivesse algo mais, ou talvez só tivesse o livro didático, mas com certeza fui eu que quis fazer porque eu gostava muito desse

---

6 Para uma discussão de currículo prescrito e currículo real ver Melo, 2012.

livro, quis usar o livro, basicamente o livro. [...] mas o livro didático fui eu que quis usar e a atividade também. (Autoconfrontação Simples – Professora Lara, 2016)

É a professora que tem o poder de decisão quanto à utilização do livro didático. É ela que na realização do seu trabalho aponta as limitações deste como ferramenta de ensino, ressignificando-o de acordo com as possibilidades reais existentes no espaço escolar, na sala de aula. A professora Lara aponta a falta de apoio da SEMED em dar condições para a realização de atividades pedagógicas fora da escola. Dessa forma, a falta de condições concretas para realização da atividade limita o poder de agir do trabalhador. Limita a realização da atividade e os espaços de realização.

Eu escutava muita reclamação no sentido de direção e coordenação quando a gente fazia um planejamento diferenciado. A gente ia estudar morros, montes, vales, essas coisas. Tinha uma região lá mesmo, que é a do Catolé, que a gente podia dar uma aula lá. Aí... mas tinha que ter o ônibus pra levar os meninos, tem que ter água, tem que ter um lanchinho... (Autoconfrontação Simples – Professora Lara, 2016)

"Mas a gente tem que conseguir o ônibus, vamos correr atrás". Se corria atrás mulher, se fazia ofícios. Manda. Mas a SEMED não ajuda, não. (Autoconfrontação Simples – Professora Lara, 2016)

A SEMED não ajuda, porque eu não vou fazer sozinha, eu preciso de ajuda da secretaria, a secretaria não ajuda, eu vou fazer o que? Aí... Não era por falta de ofício que se entregava, não era por falta de pedido. Não era por falta de relatório, não era por falta de nada, porque eu escrevia, fulano escrevia, fulano pedia, corria atrás, mas não se via. (Autoconfrontação Simples – Professora Lara, 2016)

A crítica ao planejamento que utiliza recursos que não estão disponíveis na escola faz a professora Lara se distanciar desse tipo de prática, busca realizar sua atividade de trabalho de um modo que não precise recorrer a gestão. A ausência da gestão e de um planejamento coletivo, no qual as professoras discutam suas práticas e a organização escolar, se fossilizam na profissão, tornam-se marcas reconhecíveis por todas. As precárias condições de trabalho que a professora Lara está submetida media a realização da sua atividade, faz-se presente no seu estilo.

Lembrando que para Clot (2010a, p. 126), a definição de estilo pessoal é a “transformação dos gêneros na história real das atividades no momento de agir em função das circunstâncias”. Trata-se de uma síntese, um desenvolvimento da história coletiva, e não uma criação solitária do sujeito. “O gênero profissional é constitutivo do

estilo, o que exclui que possamos fazer desse último um simples atributo psicológico privado” (CLOT, 2010a, p. 110).

A realização do planejamento por ródizio na escola que a professora Lara atua, mostra bem a ausência do coletivo de trabalhadores e o modo como essa profissão é vivenciada por ela. Quando a professora Lara se propõe a realizar o planejamento “ródizio”, ela abre mão de pensar a sua atividade, considera que todos os alunos são iguais, e não leva em consideração o nível de aprendizagem dos seus alunos, considera que todos estão dentro da média.

Porque é o mesmo planejamento pra todas. (Autoconfrontação Simples – Professora Lara, 2016)

Eu faço o meu planejamento, quando é a minha semana. (Autoconfrontação Simples – Professora Lara, 2016)

O planejamento que a gente faz... é uns três, cada uma fazia uma semana. Mas já tava lá perguntas... Com certeza já tava no planejamento aquelas perguntas. (Autoconfrontação Simples – Professora Lara, 2016)

No planejamento “ródizio”, cada professora faz o planejamento numa semana e repassa para as demais professoras que atuam na escola com o mesmo ano. O modo como os diferentes sistemas de ensino, escolas e professores são afetados e se apropriam da prescrição é bastante diferenciado. Ainda que exista o desejo de controlar e regular o trabalho docente, há sempre um processo de significação da prescrição feito por parte das professoras.

Mas a gente não consegue ter (um planejamento coletivo). Então, um momento que é pra ter departamento com coordenadora, a coordenadora... como são poucas, tu viu né? (Autoconfrontação Simples – Professora Lara, 2016)

Mas no planejamento que a gente faz semanal, tinha como objetivo isso, foi um tipo de gênero, né? Que a gente trabalhou, os quartos anos, que a gente fazia o semanário todos os quartos anos juntos. (Autoconfrontação Simples – Professora Lara, 2016)

Entretanto, gostaríamos de enfatizar que as condições concretas, objetivas de trabalho podem de fato impedir ou dificultar o poder de agir, ou seja, o processo de criação da atividade. A própria existência de prescrição oficial do trabalho indica certo modo de conceber a prática docente.

As políticas de avaliação atuais têm sido o principal meio de prescrever a atividade docente, pois há que se atingir uma meta, que define o que tem sido tomado como qualidade do ensino. Professoras e escolas que ficam fora da meta podem sofrer com sanções, humilhação e a ausência de bonificação (ARROYO, 2011).

É importante que as professoras assumam a intencionalidade do seu trabalho e as escolhas inerentes a ele associadas à sua realidade cotidiana. Quando não assumimos o controle do nosso planejamento, estamos considerando uma visão tradicional da docência em que a professora dirige-se a um aluno médio, idealizado, representativo da turma de trinta ou mais alunos. Essa postura resulta em um planejamento único, avaliações padronizadas que supõem que todas as crianças em determinado tempo, devem ser avaliadas da mesma forma.

Há vários estilos de ser professora. Como já apontamos o estilo não é compreendido como uma criação solitária do sujeito, mas está intrinsecamente relacionado com a história social da profissão e o modo como o sujeito vivencia a profissão. A atividade realizada pela professora é mediada por uma multiplicidade de sentidos, depende dos diferentes espaços e posições ocupados pelos sujeitos na história das relações sociais, nos diferentes gêneros dos quais participa, da sua história de vida, de escolarização, de formação, etc.

Nesse momento, consideraremos a sala de aula, os alunos, o contexto no qual a atividade docente se realiza como mediação importante na constituição do estilo da professora Lara.

Cotidianamente, por atuar numa escola de periferia, a professora Lara relata a presença da violência na vida de alguns alunos. O bairro onde está localizada a escola possui uma história de pobreza e violência, com várias famílias não escolarizadas. Na autoconfrontação simples, a professora relata o drama das condições de vida dos alunos e como isso afeta o fazer docente, e as escolhas para realização da aula. Durante a aula de português, ela contextualiza a atividade, perguntando se algum dos alunos já foi entrevistado, a turma acena negativamente e aí então a professora Lara, indaga a turma novamente, dessa vez faz referência ao *Fique Alerta* – programa jornalístico policial, que traz a violência na periferia como principal tema. Na autoconfrontação ela explica porque citou apenas esse programa como exemplo.

[...] é o único programa de telejornal que eles assistem. É o Fique Alerta. Não assistem Jornal Nacional. (Autoconfrontação Simples – Professora Lara, 2016)

Mas se eu falei isso, foi porque é o mundo deles, eles vivem assistindo Fique Alerta. (Autoconfrontação Simples – Professora Lara, 2016)

Mas eu acho que é porque é o mundo deles, é o Fique Alerta é o mundo deles. Tipo, "tia mataram um numa lotação, eu vi no Fique Alerta", assim, eles assistem o Fique Alerta. Acho que foi por isso que eu citei o Fique Alerta, e também porque o Fique Alerta já tinha ido na escola. Teve uma época que o Fique Alerta tinha ido na escola, mataram um próximo à escola. E aí foi uma danação. (Autoconfrontação Simples – Professora Lara, 2016)

E aí "tinha ladrão no Fique Alerta", não sei o que, "tia, fulano tava lá", aí falaram o nome do repórter, tipo eles conhecem tudo do Fique Alerta. Eu acho que foi por isso que eu citei o Fique Alerta (risos). (Autoconfrontação Simples – Professora Lara, 2016)

As condições de vida às quais os alunos estão submetidos mediam e muito o modo como a professora age em sala de aula. Os alunos apresentam questões sociais que não ficam fora da escola, há uma desigualdade social que marca/afeta/constitui os alunos e a atividade docente. Uma escola que não está preparada para educar os alunos fica a cargo da professora, sozinha, a responsabilidade de dar conta, na sala de aula, de lidar com questões complexas, que ultrapassam em muito o âmbito de sua atuação. Os conflitos vivenciados pelas professoras constituem a atividade docente. No real da atividade docente, está implicado o real de vida dos alunos, muitas vezes vidas precarizadas, que impactam na realização cotidiana da atividade.

Olhar para a atividade de trabalho da professora Lara implicou em olharmos para o que essa professora realiza cotidianamente, para os valores e saberes que circulam em sua atividade, para a forma como sua atividade é determinada, pelas prescrições que são significadas no encontro, sempre singular, com variabilidades inscritas nas situações reais de trabalho.

Podemos concluir que o estilo se constitui no encontro dos conflitos que agitam as duas memórias da atividade: a memória coletiva e a memória individual. Ao ensinar, as professoras apropriam-se dos artefatos sociais, materiais e simbólicos, a sua disposição no coletivo de trabalho. Entretanto, esses artefatos (o gênero profissional) são significados pelas professoras para que possam resolver os conflitos existentes na situação concreta de trabalho, surgem assim, diferentes maneiras de agir (o estilo

peçoal), de realizar o seu trabalho a cada dia. É o gênero profissional e o estilo pessoal de cada um que constitui a atividade real.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Clínica da Atividade consiste em compreender como a professora não somente utiliza, mas significa os meios e instrumentos à sua disposição, a partir do gênero e da prescrição que lhe é dada. Desse modo, a professora, diante da realidade de seu trabalho significa, transforma os artefatos dos quais se apropria, desenvolvendo necessariamente um estilo de agir no trabalho. Estilo esse que se constitui no seio do coletivo de trabalho, que se desenvolve no curso do agir, na realização da atividade. Vale a pena frisar que o estilo só se desenvolve no movimento da ação, parafraseando Vigotski “o corpo só se revela em movimento”. Sendo que a constituição do estilo do sujeito só pode ser compreendida numa relação de mediação social e histórica.

A utilização da autoconfrontação para análise da aula permite sair da imediaticidade do fenômeno. Quando a professora Lara significa a sua aula no processo de autoconfrontação, são reveladas mediações constitutivas do seu agir, ou seja, elementos históricos, culturais e sociais. Em sua fala ela revela que não vê possibilidade de mudança da situação social, histórica e econômica dos seus alunos. Ela é completamente pessimista quanto ao futuro dos alunos, acredita que a escola está fazendo o seu papel, mas que os alunos não querem estudar.

Olha, eles estão, o problema é que eles não querem. De dez você tira um que quer. Infelizmente. Eu não vou mentir pra você, não vou ser hipócrita, o que a gente fala... muitas vezes eu parava a aula pra dizer a eles que eu torcia por eles, que eu queria... pra ver se a autoestima... porque eles estão tão inundados de violência, de uma realidade massacrante, negativa, que já se adaptaram a isso e é isso que eles querem. (História de Vida – Professora Lara)

A análise da aula da professora Lara, só pode ser realizada considerando sua história. A escolha do Fique Alerta, como exemplo dado na aula, torna perceptível uma identificação da professora Lara com as vivências sócio-culturais.

Por que eu falei em Fique Alerta? Primeiro porque eu gosto de Fique Alerta, não vou ser hipócrita. Eu gosto de Fique Alerta, eu gosto do German Lopes. (Autoconfrontação Simples – Professora Lara, 2016)

Ao pertencer a um coletivo de trabalho, a professora, está sujeita a normas e prescrições, que passa a conhecer, respeitar, negar, e necessariamente significar, criando novas possibilidades de agir e novos sentidos. As normas estão muitas vezes invisíveis, são gestos, muitas vezes fossilizados e estão quase sempre voltadas para o cumprimento das prescrições.

Quando as professoras da escola pesquisada realizam o planejamento na forma de rodízio com o respaldo da coordenação, elas estão decidindo coletivamente por um trabalho que se dá de forma fragmentada. Ao realizar o planejamento dessa forma elas atendem a prescrição do trabalho docente, entretanto, as condições objetivas levam elas a realizar o seu trabalho, de forma a negar a possibilidade de um trabalho efetivamente integrado, coletivo e que gere desenvolvimento das professoras como grupo e das crianças. No entanto, nos parece que nesse momento o alerta de Clot (2007), de que muitas vezes fazemos algo para não fazer o que tinha que fazer mostra o sujeito resguardando sua saúde.

A análise empreendida aponta que as condições concretas de realização do trabalho docente mediam o estilo desenvolvido pela professora. A escassez de recursos e de condições para realização da atividade faz com que a professora centralize sua aula no uso do livro didático. O livro didático é um artefato legitimado pelo coletivo de trabalhadores, foi consolidado como uma ferramenta essencial na realização do trabalho docente, eles viabilizam e prescrevem em alguma medida a organização do trabalho pedagógico em sala de aula.

Nossa análise mostra que não há uma discussão coletiva institucionalizada na escola sobre a utilização do livro didático, a professora Lara realiza suas aulas a partir do livro didático e os modos de utilização dele em sua prática não é discutido coletivamente. O espaço coletivo não é utilizado para o enfrentamento das dificuldades vivenciadas na realização do métier. Fica a cargo da professora, sozinha, encontrar estratégias para lidar com os dilemas enfrentados nas situações reais de realização da atividade. E o livro aparece como a única ferramenta disponível diante da precariedade de uma discussão coletiva que orientasse à prática individual.

O enfraquecimento ou ausência do coletivo de trabalho, a solidão vivenciada pelo trabalhador na realização do ofício tem sido ressaltado por Clot (2010a) com relação ao adoecimento no trabalho, é o caso de diversas professoras na educação pública brasileira.



A análise empreendida aponta para a complexidade dos processos de significação de um gênero docente. O repertório de práticas que o gênero se refere é diverso, difuso, controverso, contraditório. São muitos os modos possíveis de realização do gênero e esses modos possíveis se inscrevem nas condições concretas, ou seja, nas precárias condições reais.

As condições precárias de trabalho, que a professora Lara está submetida, principalmente por atuar numa escola pública de periferia, tem levado a que ela desenvolva um estilo precarizado. Para o melhor entendimento dessa precarização e intensificação da atividade vivida por Lara temos que considerar o baixo salário que a força a enfrentar uma dupla jornada de trabalho.

O uso da autoconfrontação simples como ferramenta para discutir a atividade docente possibilita visualizar as condições e as formas de realização. Vimos que, de fato, as situações vivenciadas pela professora Lara constituem o real da atividade, o seu modo de agir e realizar a atividade docente e o seu estilo. A oportunidade de dialogar com a atividade na autoconfrontação simples, possibilita que a professora Lara revele elementos constitutivos da sua subjetividade que não estão evidentes. São justamente esses elementos que vão permitir a pesquisadora apreender a atividade para além da sua aparência, ou seja, os sentidos e as mediações que constituem o estilo. No diálogo com a sua atividade a professora Lara percebe que realiza práticas que acreditava não realizar e outras vezes pega-se pensando no que deveria ter realizado, ela percebe então os dilemas e conflitos do ofício.

Acreditamos que a autoconfrontação simples tem um potencial enorme para pensar o trabalho docente e em especial a formação inicial e continuada de professores. Ela possibilita conhecer o que de fato se faz na realidade concreta da escola, e coletivamente poderia ser utilizada para discutir os modos de fazer – debater as diferentes soluções encontradas e não encontradas, fortalecendo assim, o coletivo de trabalho – um coletivo que não é apenas uma coleção de pessoas.

Entretanto, ainda que se discuta coletivamente os modos de agir e se busque soluções mais apropriadas para lidar com os dilemas enfrentados na realização do métier, há questões estruturais, no que se refere ao modo como a escola e a profissão docente está organizada que ultrapassam as formas de ação, e que estão fossilizadas, mesmo em um coletivo de trabalho organizado.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, I. R. L. de. **Estilo e Catacrese de uma Professora da rede pública de Maceió/AL em Contexto de Precarização**. 2015. 189 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2015.
- ARROYO, M. G. **Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens**. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Currículo, Território em Disputa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- CLOT, Y. **A Função Psicológica do Trabalho**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Trabalho e Poder de Agir**. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010a.
- CLOT, Y. et al. Entrevista: Yves Clot. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 99-107, 2006. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/25969/27700>>. Acesso em: 30 maio 2015.
- FAÏTA, D. Gêneros do Discurso, Gêneros de Atividade, Análise da Atividade do Professor. In: MACHADO, A. R. **O Ensino como Trabalho: uma abordagem discursiva**. Londrina: Eduel, 2004.
- LELIS, I. A Construção Social da Profissão Docente no Brasil: uma rede de histórias. In: TARDIF, M.; LESSARD, C. (Orgs.). **O Ofício de Professor: histórias, perspectivas e desafios internacionais**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p.54-56.
- MELO, W. L. de M. **Atividade Docente: uma análise do prescrito e do realizado no currículo escolar**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2012.
- ROSÁRIO, E. de H. **Atividade Docente: os sentidos e significados que uma professora atribui a escrita**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2012.
- SACRISTÁN, G. Consciência e Acção sobre a Prática como Libertação Profissional dos Professores. In: NÓVOA, A. (Org.). **Profissão Professor**. 2. ed. Porto, Portugal: Porto Editora, 2003. p.63-92.
- SOUZA E SILVA, M. C. Quais as Contribuições da Linguística Aplicada para Análise do Trabalho. In: FIGUEIREDO, M. et al (Org.). **Labirintos do trabalho: interrogações e olhares sobre o trabalho vivo**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2004. p.188-213.
- VIEIRA, I. da S. **O Papel dos Dispositivos de Controle Curricular: avaliando a prova Brasil**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2011.

VIEIRA, J. S. Constituição das Doenças da Docência (Docenças). In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO – ANPED, 33., 2010. **Anais...** Caxambu, MG, 2010.